

COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TEMPORALIDADES

CHRISTINA FERRAZ MUSSE | HEROM VARGAS | MARCOS NICOLAU
Organizadores

comipóos



2017, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

PROJETO GRÁFICO

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

CAPA E EDITORAÇÃO

Aléxia Barbosa Corujas

NORMALIZAÇÃO

Sandra Batista

REVISÃO

Alassol Queiroz

SISTEMA DE BIBLIOTECAS – UFBA

C74I COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TEMPORALIDADES. CHRISTINA FERRAZ MUSSE, HEROM VARGAS E MARCOS NICOLAU; ORGANIZADORES. SALVADOR, EDUFBA, 2017. 259p. 17x24cm
INCLUI BIBLIOGRAFIA
ISBN 978-85-232-1592-7

I. COMUNICAÇÃO E CULTURA. 2. COMUNICAÇÃO X ASPECTOS SOCIAIS. 3. MÍDIA DIGITAL. 4. MEMÓRIA COLETIVA. 5. PRESERVAÇÃO PELA DIGITALIZAÇÃO. 6. REDES SOCIAIS X MEMÓRIA. 7. COMUNICAÇÃO X HISTÓRIA. I. MUSSE, CHRISTINA FERRAZ (ORG) II.VARGAS, HEROM (ORG) III. NICOLAU, MARCOS (ORG.). IV. TÍTULO.

CDU - 316.774

EDITORA FILIADA A


ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


Câmara Bahiana do Livro

Notícia em tempo real

as implicações da instantaneidade na credibilidade do telejornalismo

INTRODUÇÃO

O avanço e a convergência das novas tecnologias e a decorrente evolução dos processos comunicativos mediados por elas resultaram em efeitos em todos os meios de comunicação. No que se refere à prática jornalística, a evolução da internet e as possibilidades de interação por meio dela trouxeram, sobretudo, um aceleração na produção e na divulgação das notícias. Se por um lado rádios, emissoras de televisão e jornais impressos tiveram suas rotinas modificadas e seus processos agilizados em virtude do emprego da tecnologia, por outro, viram-se, principalmente na última década, concorrendo cada vez mais com a instantaneidade do jornalismo, apresentado nos portais de notícias, e com a divulgação de informações de forma praticamente simultânea realizada via redes sociais. Não é exagero, portanto, dizer que o tempo do jornalismo já é outro – e que diferentes também passam a ser seus mecanismos de produção e suas estratégias de reconhecimento junto ao público.

Desse cenário em que as mídias se readaptam a fim de manter e ampliar seus espaços, não ficou de fora nem mesmo a televisão, um dos meios de maior influência no país, assistida diariamente por 95% da população. Em média, o brasileiro fica 4h31 por dia em frente à televisão, sendo que oito em cada dez deles afirmam ligar a TV com um objetivo:

informar-se. (BRASIL, 2014)¹ Pois na televisão, a informação tem o seu altar: o telejornal, produto jornalístico que se vê cada vez mais permeado pela lógica da instantaneidade, sobretudo em coberturas de grandes eventos midiáticos que ocorrem de maneira inesperada.

Diante da importância de atentar-se profissional e academicamente para esse período de transição, este artigo tem como objetivo sugerir implicações que a velocidade característica dos novos tempos tem sobre a legitimidade e a credibilidade de conteúdos e agentes envolvidos na produção jornalística televisiva. Entre os objetivos específicos, pretende-se apontar de que maneira o imediatismo foi incorporado pelas coberturas televisivas e aferir que contribuições ou prejuízos as possibilidades geradas pelas novas tecnologias trouxeram para as transmissões jornalísticas na televisão.

Para se chegar aos objetivos propostos, foi definido como objeto de análise a cobertura realizada pela emissora brasileira Globo News, canal pago da Globosat, sobre os atentados simultâneos em Paris em 13 de novembro de 2015 – ataques que deixaram, naquela noite, 130 vítimas, além de outras 99 pessoas feridas em estado grave. A escolha pela emissora deu-se em virtude de ser um canal voltado exclusivamente ao jornalismo, com grande número de transmissões realizadas ao vivo e com potencial para derrubar toda a grade de programação prevista diante da ocorrência de um fato de grande repercussão. Já a delimitação do objeto, a cobertura dos ataques na capital francesa, ocorreu em função de seus critérios de valor-notícia e das características apresentadas durante as transmissões, evidenciadas em termos de imediatismo, mobilidade e emprego de novas tecnologias.

A partir dos preceitos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), foram observados nove² vídeos sobre os acontecimentos em Paris, publicados no *site* da emissora entre 13 e 18 de novembro. O material foi inicialmente sistematizado a partir de três unidades de registro: temporalidade da transmissão, local do enunciador e tecnologia empregada. Após, partiu-se para uma análise qualitativa acerca da temporalidade da cobertura

1 Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pelo Ibope, disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

e, em um segundo momento, para as implicações que as características relativas ao tempo das transmissões tiveram nos processos de construção de credibilidade e legitimidade do fazer jornalístico.

O AO VIVO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Basta ligar a televisão, sobretudo em canais dedicados exclusivamente ao jornalismo e na ocorrência de eventos de grande importância midiática, para se notar que transmissões ao vivo estão cada vez mais frequentes. Repórteres transmitem diretamente das ruas protestos contra o aumento das passagens de ônibus, sessões de votação no Congresso passam nos canais televisivos por longas horas a fio, e já não demora muito para as primeiras informações sobre atentados e eventos de repercussão mundial irem ao ar, logo acompanhadas de imagens e áudios transmitidos por jornalistas experientes ou por testemunhas que nunca antes haviam sido enquadradas na tela de uma televisão.

O ao vivo não é uma novidade no meio televisivo. Foi ao vivo que a televisão nasceu na década de 1950 e foi também assim que desenvolveu todo o repertório que veio a torná-la a mídia mais importante do país. Somente na década seguinte, 1960, com a chegada do Videoteipe (VT), as produções televisivas realizadas essencialmente em transmissão direta deram lugar às gravações, determinando uma das primeiras guinadas na forma de se pensar e também de se fazer o conteúdo jornalístico na televisão. Se a possibilidade de armazenar as imagens e editá-las para uma exibição posterior permitiu a produção de programas mais interessantes e com maior qualidade técnica e estética, o frequente uso do VT, entretanto, tirou a transmissão ao vivo da rotina telejornalística por quase toda a sua trajetória, desacostumando as redações a operarem com as notícias no momento em que elas ocorrem. Emerim e Cavenaghi (2012) definem assim a passagem do uso excessivo do ao vivo para o do VT a partir de 1960:

[...] o excesso do uso de produtos gravados acabou por restringir o emprego das transmissões ao vivo aos eventos esportivos e a pequenas aparições de repórteres atualizando ou noticiando resumidamente a posse de um político, a morte de alguma celebridade ou

outro fato cuja produção dos programas não pudera recobrir com maior aprofundamento de imagens e reportagens ou especiais. (EMERIM; CAVENAGHI, 2012)

Esse seria o primeiro ponto de virada no que se refere à temporalidade das transmissões telejornalísticas. O segundo, de acordo com as pesquisadoras, ocorreu somente após o 11 de setembro de 2001, quando profissionais da televisão foram surpreendidos pela grandeza e subitaneidade da notícia e se mostraram despreparados para lidar com o acontecimento no momento em que ele ocorria. Segundo as autoras, diante dos atentados nos Estados Unidos, profissionais de televisão foram alçados, assim como toda a audiência, a meros espectadores – que tinham, no entanto, a missão de tentar dotar de sentido as imagens que se repetiam por horas na televisão. (EMERIM; CAVENAGHI, 2012)

Na década seguinte àquela em que o mundo viu as torres gêmeas do World Trade Center desabarem em rede mundial, a técnica da transmissão direta e as coberturas ao vivo já podiam ser identificadas com maior peso em programas televisivos de diferentes gêneros, sugerem Emerim e Cavenaghi (2012). Segundo as autoras, tal fato deve-se aos avanços tecnológicos, possibilidade de convergência entre as tecnologias e mobilidade dos dispositivos. Para Silva (2008), o uso cada vez mais frequente de tecnologias móveis e conexões sem fio abriram as portas para uma maior produção e capacidade de geração de conteúdo em situação de instantaneidade mais potencializada. Em outras palavras, a convergência tecnológica possibilitou que a redação jornalística saísse de um local físico fixo, passando a ser qualquer lugar. Popularizou-se, assim, a condição técnica de transmissão de áudio ou vídeo em tempo real e de forma contínua, até então exclusividade do *broadcasting*. E um complexo aparato, formado por estrutura pesada, que exigia um maior número de profissionais envolvidos em uma cobertura, pôde ser substituído por ferramentas portáteis *on-line*, como *smartphones*, capazes de processar informações de forma digital e transmitir de forma instantânea.

Tem-se o estabelecimento de novas relações no processo jornalístico, caracterizado a partir de então pelo *deadline* contínuo e pelas novas formas de interação com o espaço urbano. Para Santaella (2007), a explosão do universo digital reforçou ainda, nesse sentido, a sensação de ubiquidade,

de se estar em dois espaços ao mesmo tempo. O celular e sua conexão constante, usado enquanto pessoas se movem “no burburinho fervilhante da cidade”, foi capaz ainda de inserir “contextos remotos dentro de contextos presentes” – fazendo com que interlocutores entrassem em um “estado pervasivo de presença ausente”, como sugere a autora. (SANTAELLA, 2007, p. 236)

O DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DA TEMPORALIDADE NO TELEJORNALISMO

Apesar de a concepção do telejornalismo como um simples espelho da realidade ainda encontrar grande espaço em redações e faculdades de Jornalismo, é crescente o campo de estudos que procura compreender o telejornalismo como uma forma de conhecimento da realidade – o que coloca o jornalista como alguém que não apenas comunica o conhecimento da realidade, mas também o produz e reproduz, conforme sugere Vizeu (2004). Segundo o autor, o jornalista é servido, no dia a dia de sua profissão, pela língua e pelos códigos e regras do campo das linguagens. E é a partir desses elementos que este profissional, no trabalho da enunciação, produz discursos.

De acordo com Vizeu (2008), as formas de enunciação jornalística são marcadas por processos de raciocínio que objetivam determinados efeitos de reconhecimento, de apreensão e compreensão pela audiência. Esses processos permeiam operações enunciativas que são mobilizadas pelos jornalistas diariamente na produção dos textos, de forma consciente ou inconsciente. Uma delas é a operação de atualidade. Segundo Vizeu (2008), o tempo do telejornal não é um tempo concreto, não é necessariamente o tempo do fato, mas um tempo formal, abstrato. De forma que, se o presente absoluto do fato é impossível, o discurso se organizará sobre o presente da enunciação do fato, este sim absoluto: o presente do próprio ato enunciativo, o presente do telejornal.

É o que destaca Fechine (2008) ao reforçar em seus estudos a importância de se diferenciar os diversos tempos que são construídos e apresentados durante uma transmissão telejornalística – cada um deles responsável por um efeito distinto na divulgação das notícias e na sensação de

pertencimento do telespectador. Para a autora, o telejornal é um conjunto de sucessivas unidades (reportagens gravadas, entrevistas em estúdio, entradas ao vivo, gráficos e material de arquivo) reunidas em uma instância enunciativa que as engloba, marcada pela temporalidade. Esta temporalidade, segundo a pesquisadora, corresponde à duração na qual se dá a própria transmissão do telejornal, continuamente no presente: “[...] essa duração da transmissão corresponde, do ponto de vista enunciativo, ao agora do ato de enunciação”. (FECHINE, 2008, p. III-III2)

Há, portanto, unidades (reportagens, inserções de repórteres e outros conteúdos veiculados em um jornal de TV) que se situam ou no mesmo agora da enunciação ou em um então, quando ocorrem em um tempo passado em relação ao presente. Para que um enunciado se situe no mesmo agora da enunciação, é preciso que ele esteja se fazendo discursivamente no mesmo momento que o enunciado englobante, o telejornal. Em outras palavras: tem-se uma entrada ao vivo, uma sequência direta. Quando, pelo contrário, o enunciado englobado situa-se em um então, é porque se trata de uma sequência previamente gravada. O que diferencia uma transmissão ao vivo de uma previamente gravada é a instauração de efeitos de sentido de maior ou menor proximidade entre o ato de enunciação e o conteúdo enunciado, afirma Fachine (2008).

Mas há ainda particularidades dentro do conceito da transmissão ao vivo, uma vez que ela pode se dar em tempo atual ou em tempo real. Conforme a definição de Fachine (2008), a configuração do tempo atual está associada às situações nas quais um repórter entra ao vivo para falar de algo que já ocorreu, situando-se geralmente no local onde o fato reportado aconteceu. Por meio dessa estratégia de inserção do repórter e do apresentador no mesmo agora em que se dá a transmissão, promove-se a atualização de um fato passado ao presente do telejornal. Por sua vez, a configuração do tempo real está associada às situações nas quais um telejornal registra e exibe um determinado acontecimento que ocorre no momento em que está sendo transmitido pela televisão. (FECHINE, 2008) Nesses casos, apresentador, repórter e aquilo sobre o qual ambos falam estão inseridos em uma mesma duração. Ou seja, destinadores e destinatários estão inseridos em uma mesma temporalidade, que é tanto a do discurso (da TV) quanto do mundo (dos fatos). A partir da continuidade temporal,

a transmissão direta é capaz de instaurar um espaço sem qualquer correspondência no mundo natural, como sugere a autora:

O efeito de contato produzido pela transmissão direta parece ser justamente o resultado do reconhecimento tácito de que algo está se atualizando (se fazendo) agora tanto aqui (espaço do eu) quanto lá (espaço do outro): um contato produzido pela e na duração. Compartilho com os responsáveis pela emissão (produtores) e com milhares de outros espectadores (receptores) de um mesmo tempo – o tempo instituído pela própria transmissão – e, através deste, todos nos encontramos em um mesmo lugar, um espaço que não se constitui mais materialmente, um espaço simbólico, um espaço vivido tão somente através da transmissão. [...] É sincronizando o passar do tempo do meu cotidiano com o de grupos sociais mais amplos que a TV instaura um sentido de estar com que se manifesta unicamente na copresença que essa similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa, mesmo que não importe exatamente o quê) e essa simultaneidade da sua transmissão (ao mesmo tempo) propiciam. (FECHINE, 2004, p. 54)

Efeitos como o de aproximação do tempo e do local dos eventos, bem como a sensação de pertencimento e de testemunha dos fatos, são o que, de acordo com Franciscato (2003), fazem com o que o ao vivo atribua credibilidade ao discurso jornalístico. Segundo o autor, o jornalismo em tempo real exacerba o seu “poder de dizer” utilizando modos específicos para isso, baseados na tensão emotiva das imagens, na velocidade de sua transmissão, no sentimento de envolvimento, na dramaticidade da narrativa e na imprevisibilidade do desfecho. Para Franciscato (2003), o ao vivo na televisão traz ainda ao telespectador a sensação de contato direto com o acontecimento narrado:

Ao transmitir ao vivo, instaura-se um novo contrato de sentido no discurso jornalístico, em que não é mais conveniente aceitar intervalos de tempo entre o evento e sua disponibilização pública (no máximo, alguns poucos segundos em decorrência do retardo do sinal nas transmissões por satélite). Isto significa dizer que o ‘ao vivo’ é uma construção discursiva que se baseia em uma mediação operada tecnologicamente para dar um efeito de audiência de mediação, um efeito de contato direto do público com o evento. [...] A aparência é de que o jornalismo em tempo real coloca-nos em contato direto com o evento, como se estivessemos superando

a mediação do veículo – e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade. (FRANCISCATO, 2003, p. 278)

Sobre as transmissões instantâneas, Becker sugere que “a tecnologia garante cada vez mais um melhor aproveitamento dos recursos técnicos para marcar a contemporaneidade da linguagem televisual, os quais espetacularizam notícias e estão aliados ao princípio de ubiquidade”. (BECKER, 2005, p. 90) A ubiquidade está associada à capacidade de percepção do receptor, que tem a sensação de que poder ver tudo, de estar em todo lugar. De acordo com a autora, tal sentimento é ainda mais reforçado pela transmissão ao vivo, quando ocorre o que define como ubiquidade instantânea: o telespectador vivencia um suspense real, “já que tudo passa a ser imprevisível, e o fato ganha ainda mais importância e conteúdo”. (BECKER, 2005, p. 76-77)

ANÁLISE DA COBERTURA DA GLOBO NEWS SOBRE OS ATENTADOS EM PARIS

Para verificar as alterações nas configurações da temporalidade possibilitadas pelo uso e pela convergência das novas tecnologias, bem como o efeito que tais mudanças têm no que diz respeito à construção da credibilidade do fazer jornalístico, este estudo toma como objeto de análise a cobertura realizada pela Globo News sobre os atentados simultâneos em Paris em novembro de 2015. Os 91 vídeos disponibilizados pela emissora em seu site entre 13 e 18 de novembro de 2015, período em que o assunto ganhou destaque na emissora, foram analisados em duas perspectivas. A partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), o material passou primeiramente por uma análise quantitativa, sendo sistematizado por meio de categorias relativas ao tempo das transmissões (ao vivo, gravado, tempo atual e tempo atual); ao local de onde as transmissões foram realizadas (estúdio, casa do correspondente, pontos externos aleatórios ou local dos fatos) e à tecnologia empregada nas transmissões (satélite, ligação por celular, *streaming* via computador ou *streaming* via celular). Em seguida, os resultados da primeira etapa foram levados a uma segunda análise, dessa vez qualitativa, realizada a partir de três perspectivas: a legitimidade do

conteúdo, a credibilidade do jornalista (enunciador) e a sensação de ubiquidade do telespectador. Antes de os resultados serem apresentados, no entanto, cabe uma breve descrição do material apreendido para a análise.

A informação de que Paris havia virado alvo de terroristas naquela noite foi dada pela primeira vez entre as emissoras brasileiras no Jornal das 19h da Globo News, apresentado pela jornalista Leilane Neubarth, com a entrada ao vivo da repórter Lúcia Muzell, correspondente na capital francesa. As informações iniciais eram vagas – não se confirmava ainda que se tratava de um ataque terrorista, nem o número de possíveis vítimas. A partir da primeira entrada ao vivo, em torno das 19h24, a programação da Globo News foi suspensa, e a emissora passou a noticiar os novos fatos sem pausa, com o uso de imagens do Cable News Network (CNN). A cobertura ganhou destaque entre as emissoras brasileiras, em grande parte, devido a uma coincidência: de férias, a repórter da Globo News no Rio de Janeiro, Carolina Cimenti, assistia ao amistoso França x Alemanha, no Stade de France, estádio próximo ao qual um dos terroristas explodiu bombas na noite daquela sexta-feira. A repórter, assim que possível, passou a fazer parte da cobertura da Globo News. Sua primeira entrada ao vivo foi por celular, ainda de dentro do estádio, narrando como estava a situação que levava milhares de torcedores a se concentrarem no gramado, à espera de informações para deixar o local. Como ela mesmo esclareceu durante a transmissão, o sinal de internet móvel no local era precário naquele momento, em função do grande número de pessoas que buscavam informações e tentavam se comunicar com amigos e familiares.

Assim, não foi possível que a repórter entrasse ao vivo do estádio por meio de um *streaming*, com imagens. A partir do celular, gravou imagens que mais tarde foram exibidas também na Rede Globo. E, em seguida, quando conseguiu conexão, entrou ao vivo via Skype, enquanto se deslocava ao hotel em um táxi. Nos dias seguintes, a repórter seguiu transmitindo os acontecimentos e o clima nas ruas da capital francesa, onde homenagens e operações policiais continuavam ocorrendo – quase sempre a partir do celular, raramente acompanhada de cinegrafistas.

Da cobertura dos atentados, também fez parte a repórter Bianca Rothier, correspondente em Genebra, que foi deslocada para Paris. Ela

passou a fazer transmissões ao vivo dos locais das homenagens via satélite. Lúcia Müzell, correspondente do canal na França, também participou da cobertura, assim como outros repórteres já residentes em Paris foram chamados para a transmissão dos fatos decorrentes do evento. Correspondentes da Globo News na Inglaterra, Roberto Kovalick e Pedro Vedova foram deslocados para a capital francesa nos dias seguintes. Entre a sexta-feira dos ataques e o domingo seguinte, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), cerca de 8,8 milhões de pessoas passaram pela Globo News – o que significa uma audiência 73% maior que a média anual do canal nestes dias, de acordo com o jornal *O Globo*.² (ALVIM, 2015) Mais do que informações atualizadas instantaneamente por jornalistas, a emissora oferecia aos seus telespectadores relatos no local dos eventos, quando não no momento em que eles ocorriam, além de cenas ainda não tão comuns na televisão brasileira, a de repórteres improvisando entrevistas assim que encontravam testemunhas e de correspondentes movendo-se pelo local dos eventos, com transmissões que dependiam apenas de celulares, fones de ouvido e conexão à internet.

A cobertura tomada para análise reforça a premissa de que as transmissões jornalísticas de grandes eventos midiáticos estão cada vez mais instantâneas. O que comprova isso é o próprio *corpus* composto por 91 vídeos tomados para observação nesta pesquisa. Na primeira etapa da análise, de sistematização, verificou-se que, dentre todos os vídeos, 88% eram de transmissões ao vivo (fossem elas entradas de repórteres; pronunciamentos de autoridades francesas ou lideranças mundiais; entrevistas feitas no estúdio ou por telefone) e somente 12% do total traziam reportagens ou vídeos gravados anteriormente. Este é um dado importante relativo à natureza da cobertura no que diz respeito à temporalidade: em sua extensa maioria, deu-se a partir de transmissões ao vivo. Se consideradas somente as inserções de correspondentes ao vivo de pontos externo à redação do telejornal, somam-se 45 vídeos. Destes, 71% correspondem a entradas de repórteres em tempo atual e 29% em tempo real, conforme as definições de Fachine (2008). Cabe ainda destacar que quase 50% das

2 Disponível em: blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/atentados-em-paris-dao-globonews-segunda-maior-audiencia-do-ano.html. Acesso em: 10 de set. 2016.

transmissões foram realizadas exatamente no local dos eventos narrados. Outro dado importante é que 55% das transmissões protagonizadas por repórteres a partir de pontos externos à redação foram realizadas via internet (sendo que destas ocorrências, a maioria foi por *streaming* via celular) e 38% via satélite (meio utilizado por repórteres que estavam acompanhados de cinegrafistas) – além disso, em número menos significativo, houve três entradas por ligação de celular.

Uma análise mais qualitativa do *corpus* traz os seguintes resultados: dispendiosos processos de transmissão puderam ser substituídos, em grande parte, por tecnologias mais simples, que possibilitaram uma divulgação mais imediata da notícia, mesmo quando inesperada (imediatismo); a simplicidade e a portabilidade dos equipamentos garantiram que um número maior de jornalistas pudesse integrar a cobertura, emitindo seus relatos com maior frequência (fluxo contínuo) e com distâncias temporais mínimas, quando não nulas, em relação aos eventos noticiados (possibilidade de tempo real); a cobertura de eventos simultâneos (simultaneidade) foi possível devido ao maior número de jornalistas envolvidos; enunciadorees puderam fazer suas entradas ao vivo de pontos diversos da cidade, trazendo elementos visuais e um referencial de localização para as transmissões; o uso de tecnologias e conexões móveis também permitiram uma maior mobilidade física durante a transmissão e a possibilidade de se trazer diferentes perspectivas sobre os eventos narrados, como abordagens mais singulares sobre os fatos e elementos de bastidores da cobertura jornalística.

Em relação à temporalidade, de maneira geral, pode-se dizer que o grande impacto dos avanços técnicos nas transmissões está no efeito de atualidade, característica temporal que se deu a partir da instantaneidade e da simultaneidade ainda mais potencializadas, e na capacidade de se estar no local dos fatos narrados ou, ao menos, em lugares próximos a eles, quando não circulando por eles. Assim, pode-se dizer que as novas tecnologias foram fundamentais para que a cobertura analisada ampliasse sua possibilidade de transmissões em tempo real e para que, na maior parte das vezes, pudesse aproximar o tempo da narração dos fatos aos dos eventos – ou seja, reduzir a distância temporal nas transmissões em tempo atual.

Tal efeito de atualidade destina-se a mostrar não haver um des-encaixe entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. Cria-se com isso um discurso que parece transmitir o evento em sua plenitude, com uma aparente ausência de edição, que costuma recortar os fatos de sua linearidade temporal, como sugere Franciscato (2003). No objeto analisado, ao permitir que o telespectador compartilhasse do mesmo fluxo temporal do evento, a instantaneidade dava a ele se não o sentimento de participar dos eventos em desdobramento, pelo menos o lugar de telespectador que se vincula emocionalmente ao evento, propiciando um leque de emoções que poderiam fazê-lo agir e reagir em sincronismo com o fato reportado – como por exemplo, quando repórteres estavam nos locais das homenagens às vítimas e traziam em tempo real imagens e depoimentos de parisienses que participavam daquele momento. A instantaneidade na potência máxima, o tempo real, tem a capacidade de criar a sensação de superação da mediação.

A possibilidade de um grande número de repórteres se espalhar pela cidade onde ocorriam os eventos decorrentes dos atentados (bastavam celular e conexão para tanto), como verificado nos vídeos analisados, e o potencial que tinham de entrar ao vivo a cada nova informação davam ao telespectador a sensação de que havia câmeras espalhadas por todas as partes, aptas a registrarem tudo e transmitirem instantaneamente. Tinha-se, assim, novamente o reforço da legitimidade do conteúdo e a confiança de que a emissora divulgaria todos os fatos relevantes. A simultaneidade dos eventos, trazidos de forma sincronizada, permitiram ainda que o telespectador sentisse o seu próprio tempo presente como um tempo expandido. Estando onde estivesse, ele ainda poderia se imaginar no local em que cada um destes enunciadores estavam, o que seria fisicamente impossível. Atribui-se assim ao jornalismo uma capacidade única, que o próprio telespectador não teria se ele mesmo estivesse no local do evento. O que se tem, então, é uma “supervisão” do evento, a partir de perspectivas diferentes sobre o que ocorre naquele exato momento. A instantaneidade que marcou as transmissões, no entanto, por vezes revelou processos que, em outras circunstâncias, como em reportagens gravadas, não saíam dos bastidores. Vários foram os momentos em que detalhes do processo

da produção jornalística eram citados, revelando-se aos olhos do telespectador e reforçando, assim, de certa maneira, a credibilidade do exercício.

Por outro lado, no entanto, verificou-se que, para dar conta da transmissão das notícias com agilidade e velocidade, as informações eram divulgadas ainda sem apuração prévia, a partir de dados não confirmados ou não oficiais. Além disso, percebeu-se que a velocidade imposta às transmissões fez com que o padrão de qualidade, normalmente preservado pela emissora, passasse a ser menos relevante do que a possibilidade de se informar de forma instantânea. O que se viu no objeto estudado foi a permissão para entradas ao vivo em que as imagens não tinham necessariamente qualidade técnica, podendo “congelar” por alguns instantes devido à problemas de transmissão do sinal (geralmente via internet).

Como se observou durante todas as etapas de análise desta pesquisa, diante da necessidade/escolha de trazer as notícias com maior agilidade, motivada principalmente pelas possibilidades trazidas pelo jornalismo *on-line* – em que as tecnologias se convergem em formatos distintos e em constante atualização, e em que as pontas do processo comunicativo (repórteres e público) são unidas onde quer que estejam –, a televisão, assim como todas as mídias ditas tradicionais, são forçadas a uma remodelação. Como sugerem Emerim e Cavenaghi (2012), longe de decretar o fim, como já apostaram alguns críticos, a internet oferece o suporte para que a televisão se torne cada vez mais qualificada no que é a sua essência: a transmissão ao vivo – afinal, foi com uma programação feita em transmissão direta que a televisão nasceu e se consolidou no Brasil em seus primeiros anos, na década de 1950. No entanto, com este suporte, surgem novas formas de se fazer jornalismo, que tem entre suas características a possibilidade de transmissões com qualidade técnica inferior, realizadas por jornalistas de credibilidade conferida em função de estarem no local do evento, e não em virtude de uma trajetória reconhecida, e, o mais discutível, que tem a permissão para noticiar as informações em desenvolvimento, em construção, sem uma aprofundada apuração dos fatos – prática que sempre se constituiu em um dos exercícios mais fundamentais do jornalismo. A justificativa é a mesma, o valor está sobre o informar, no local e no tempo dos eventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução dos dispositivos tecnológicos em paralelo ao avanço e à consolidação da internet, principalmente nas duas últimas décadas, alterou os processos comunicativos em geral: reduziu distâncias, simulou presenças, colocou em contato, em som e imagens, interlocutores que passaram a estar sempre acessíveis. Basta um clique, um toque na tela, e tem-se a conexão instantânea. A comunicação mediada pela computação é a marca dos novos tempos. E poucos passaram imune a ela.

Não é o caso do fazer jornalístico. Tome-se como exemplo a mídia que for, e se observará: todas sofreram impacto em alguma medida e de alguma maneira. Este estudo dedicou-se a analisar como a velocidade imbricada nos processos comunicativos deste novo cenário, desenhado aos moldes dos avanços tecnológicos, implicou alterações na temporalidade do jornalismo na televisão e, assim, também em suas estratégias de legitimidade e credibilidade, perpetuadas ao longo de sua trajetória. Fala-se de um momento em que a soberana das mídias no Brasil, a televisiva, perdeu a exclusividade em transmitir imagens e sons em tempo real, com agilidade e qualidade técnica. Em outras palavras: a televisão deixou de ser a única “janela para o mundo”.

Neste novo contexto, o imediatismo e a capacidade de interação, características intrínsecas às relações mediadas pela internet, viraram valor agregado aos meios de comunicação que se viram diante de uma revolução para continuar a firmar não apenas presença, mas relevância. Na televisão, e mais especificamente no telejornal, o início das transformações foi, sobretudo, nos modos de organização dos discursos. De forma que, assim, um dos resultados mais perceptíveis desta fase de readaptação é o reforço da transmissão ao vivo, capaz não apenas de produzir o efeito de atualidade na divulgação da informação, mas também de construir um sentido de presença comum entre os envolvidos no processo comunicativo. Ao telejornalismo e, principalmente, às coberturas televisivas de eventos midiáticos, o impacto do uso convergente das novas tecnologias está na temporalidade em que se dá o fazer jornalístico – processo que compreende desde a apuração e a produção da notícia até a divulgação e a recepção dela por parte do público. O tempo do jornalismo sempre foi

a atualidade. Não seria equivocado dizer então que, neste novo cenário, ele passa a ser ainda mais o da instantaneidade.

Muita coisa mudou em relação às transmissões ao vivo realizadas pelas emissoras brasileiras há 15 anos, quando a internet ainda estava no início de seu rápido avanço no país. À época, o uso habitual das transmissões ao vivo na televisão brasileira dava-se principalmente como maneira de marcar a presença da televisão fora dos estúdios, mas não necessariamente no tempo dos eventos. Aliás, resquícios desta fase imperam ainda hoje no telejornalismo, principalmente nas emissoras de TV aberta, quem têm horários predeterminados para o jornalismo, dificilmente coincidindo com os momentos dos fatos. Os casos mais emblemáticos são aqueles em que repórteres de política trazem informações a partir de entradas ao vivo em frente às sedes de órgãos do governo, em locais que têm um vínculo com a notícia, mas onde geralmente já não acontece mais nada. São exemplos em que a informação pode até estar bem apurada, mas em que há uma certa banalização do uso da transmissão direta. O efeito pode ser o esvaziamento da legitimidade do conteúdo, uma vez que um simples boletim carece de imagens, sons e demais elementos que comprovam a veracidade do relato. Não é improvável ainda o prejuízo da credibilidade do enunciador – o que garante que o que ele diz é verdade? Nessas situações, a confiabilidade parece estar sujeita unicamente ao respeito que se tem, ou não, em relação à trajetória do repórter e da emissora em que ele trabalha.

No atual cenário, se os telejornais das emissoras de TV aberta continuam restritos dentro de grades de programação, os canais voltados exclusivamente ao telejornalismo mostram-se como espaços fortalecidos para a transmissão de eventos que estão em desenvolvimento, para a divulgação dos fatos em tempo real – há espaço e já experiência para tanto. Não se pode desconsiderar, no entanto, que a remodelação do fazer telejornalístico imposta pelo imediatismo se refletiu também em novas configurações de operação dos conceitos de legitimidade e credibilidade, que permeiam os processos da divulgação da notícia. Em coberturas ao vivo, que agora têm as participações em tempo real ampliadas e as entradas em tempo atual com menor deslocamento temporal em relação aos eventos, a informação vira notícia em um processo que ocorre diante dos olhos do público.

Isso só é possível porque a transmissão se dá, então, principalmente no local e no tempo dos eventos. E são exatamente estas duas características que conferem legitimidade aos conteúdos transmitidos e credibilidade aos jornalistas envolvidos nas coberturas telejornalísticas desse novo cenário, em que as informações, por vezes, viram notícia sem que necessariamente passem por uma apuração mais aprofundada. Afinal, é a velocidade que está em jogo. Em função da pressa de se reportar, parece não ser mais admissível esperar que informações sejam confirmadas por fontes oficiais. Diferentemente das transmissões ao vivo anteriores, que traziam relatos de fatos quase sempre já encerrados, as entradas em tempo real neste novo cenário podem ter a informação prejudicada pela falta de checagem, mas revelam fatos que acontecem diante dos olhos do telespectador, que tem a sensação de ser testemunha das notícias. Assim, a legitimidade do conteúdo passa a ser construída por fatores que envolvem uma aparente ausência de mediação: nas transmissões em tempo real, o telespectador vê com os próprios olhos o acontecimento relatado pelo jornalista, e sente-se participando do evento em desdobramento.

No jornalismo das reportagens gravadas, a credibilidade do discurso se dá a partir da apuração, da busca dos vários lados da notícia, da edição equilibrada – e também do relato informativo, da passagem feita por um repórter já conhecido, de carreira consolidada. A credibilidade, antes ligada ao trabalho do jornalista ao longo de sua carreira ou à familiaridade de sua feição, agora dá espaço à outra, calcada no fato de o enunciador estar diante dos eventos nos momentos em que eles acontecem. A presença do repórter no local – e no tempo – dos fatos narrados garante ao profissional uma autorização enquanto fonte confiável. De forma que o quadro de jornalistas da emissora, em grandes eventos midiáticos repentinos, é reforçado por profissionais *freelancers*, que neste momento têm suas estreias nos veículos ou mesmo no próprio meio televisivo. Pela capacidade temporal, no sentido de uma cobertura se desenrolar pelo tempo que for ditado pelos acontecimentos, surgem ainda novas possibilidades de enunciadores, como testemunhas dos fatos que enviam vídeos e fazem até mesmo participações ao vivo, sem que para isso sejam necessariamente jornalistas. São novos sujeitos que aparecem nas coberturas, alçados à

função de correspondentes na medida em que estiveram ou estão no local dos acontecimentos.

Cabe discutir até que ponto a nova temporalidade presente no telejornalismo e a construção de credibilidade e legitimidade decorrente dela se fazem válidas. Entre dúvidas, no entanto, está a certeza de que a internet e o avanço das novas tecnologias não determinaram o fim da televisão. Aliás, pode ser que, pelo contrário, tenham favorecido para que o meio televisivo voltasse a assumir sua capacidade diante de episódios inesperados e de alto valor-notícia: transmissões ao vivo, com potencial de aliar som à imagem e, mais, reunir multidões diante de um evento comum a toda elas.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. Atentados em Paris dão à Globo News a segunda maior audiência do ano. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 nov. 2015. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/atentados-em-paris-dao-globonews-segunda-maior-audiencia-do-ano.ht>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 1977. v. 70.

BECKER, B. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

EMERIM, B.; CAVENAGHI, C. *Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

FECHINE, Y. Programação direta da TV: sentido e hábito. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 31, n. 22, p. 41-57, 2004.

FECHINE, Y. *Televisão e presença*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, C. E. *A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica*. 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, F. F. da. *Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

VIZEU, A. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 141-153, 2004.

VIZEU, A. (Org.). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.